

A GUERRA DOS BÔERES

*“Como foi o dia do nosso regimento.
Horrível foi o revés que sofremos.
Muito caro nós pagamos pelos erros (...)
(...) Por que não nos avisaram das trincheiras?
Por que não nos informaram dos obstáculos de arame?
Por que avançamos em colunas,
Poderia um **Tommy Atkis** perguntar...”*³⁰

Soldado Smith, da Grã-Bretanha,
sobre a Batalha de Magersfontein

Os bôeres (fazendeiros) eram descendentes de protestantes holandeses, franceses e alemães que, no século XVII, migraram para o sul da África, em virtude de guerras religiosas na Europa. Fundaram a cidade do Cabo e, com o passar do tempo, adquiriram grande apego pela nova terra, tendo, inclusive, desenvolvido uma língua própria.

Em 1806, durante as Guerras Napoleônicas, os britânicos ocuparam o sul da África e fundaram as colônias do Cabo e Natal, para onde se dirigiram levas de colonos ingleses. A abolição da escravidão nas colônias inglesas, em 1833, levou os bôeres, que eram escravocratas e avessos aos novos imigrantes, a migrarem para nordeste, onde fundaram duas repúblicas independentes: a do Transvaal e a do Estado Livre de Orange.

Em 1877, a descoberta de prata em Transvaal fez com que os ingleses anexassem as repúblicas bôeres. Em dezembro de 1880, os bôeres reagiram energicamente, atacando tropas britânicas. Os britânicos lançaram contraofensivas em janeiro e fevereiro de 1881, mas não atingiram seus objetivos, que eram a conquista de Laing's Nek e do monte Majuba. Em face dos fracassos militares, eles reconheceram a existência das repúblicas bôeres, mas continuaram determinados a aumentar as suas possessões no sul da África.

No final do século XIX, descobertas de jazidas de ouro e diamantes em territórios bôeres fizeram o conflito reiniciar. As tensões aumentaram quando o governo bôer impôs pesadas taxas e não concedeu direito de cidadania aos “uitlanders”, forasteiros, principalmente ingleses, que exploravam minas de ouro e prata no Transvaal.

Em 1899, forças britânicas foram deslocadas para Natal. O presidente da República do Transvaal, Paul Kruger, temendo uma invasão, exigiu a retirada desses contingentes. Diante da recusa dos britânicos, a República do Transvaal aliou-se ao Estado Livre de Orange, fazendo com que a guerra irrompesse em outubro.

³⁰ Apud PAKENHAN, Thomas, *The Boer War*, p.115.

Tommy Atkis: termo comum utilizado ao se fazer referência aos soldados rasos britânicos na Guerra do Bôeres e na I Guerra Mundial.

Os bôeres tomaram a iniciativa das ações, conseguindo repetidas vitórias sobre as forças britânicas. Logo encontravam-se em território britânico, onde sitiaram Ladysmith, Mafeking e Kimberley, importantes cidades inimigas.

Em reação às investidas bôeres, o general Redvers H. Buller, comandante britânico, mesmo tendo poucos soldados disponíveis (dez mil homens, que fariam frente a trinta e cinco mil bôeres), decidiu dividir sua tropa em destacamentos, visando socorrer, ao mesmo tempo, as três cidades sitiadas. Os destacamentos de Buller, porém, foram interceptados pelo inimigo e sofreram pesados reveses na “semana negra” (10 a 15 de dezembro de 1899), quando os britânicos foram derrotados nas batalhas de Magersfontein, Stormberg e Colenso.

Os êxitos bôeres foram, em grande parte, motivados por uma organização e uma forma de combate que surpreenderam os britânicos.

Quanto à organização, os fazendeiros sul-africanos, excetuando-se sua artilharia, não tinham unidades militares regulares. Normalmente reuniam-se em grupos temporários, de efetivos variados, denominados “comandos”. Os combatentes bôeres voluntariamente se apresentavam para defender sua terra, sendo responsáveis por providenciar seu equipamento, cavalos e rações. Eram excelentes cavaleiros e atiradores, habilidades aperfeiçoadas em sua faina em tempo de paz. Armavam-se com modernos fuzis Mauser, adquiridos na Alemanha. Os oficiais, de maneira geral, não tinham formação militar e eram eleitos por seus comandados.

Em relação à forma de combate, os bôeres optaram por lutar emboscando os contingentes inimigos, por conhecerem detalhadamente o terreno e estarem convencidos de que perderiam a guerra, se utilizassem processos de combate convencionais.

O Exército Britânico, por sua vez, era composto por soldados profissionais e bem treinados, que usavam os fuzis Lee-Metford e Lee-Enfield (inferiores ao Mauser). Seus comandantes, inicialmente, procuravam derrotar os bôeres de acordo com os processos de combate usuais da época, ou seja, emassavam suas tropas em formações regulares e as lançavam frontalmente contra as defesas inimigas. Tal método de combate mostrou-se totalmente inadequado ao ser empregado contra os bôeres, pois as tropas britânicas, ao avançarem lentamente em campo aberto, eram facilmente alvejadas pelos adversários. Este foi o principal motivo dos fracassos iniciais britânicos.

NEOCOLONIALISMO

Na segunda metade do século XIX, estados industrializados, como a Grã-Bretanha e a França, intensificaram um processo de exploração econômica e de dominação política sobre povos africanos e asiáticos, que ficou conhecido como Neocolonialismo. As razões principais das potências industriais terem lançado mão desta política foram: a busca de mercados que, ao mesmo tempo, importassem produtos manufaturados e exportassem matérias-primas; e a conquista de áreas estratégicas do ponto de vista militar. Reações contra o neocolonialismo ocorreram em diversos locais da África e Ásia, o que deu origem a muitos conflitos, entre os quais a Guerra dos Bôeres.

APRIMORAMENTO NOS ARMAMENTOS

O FUZIL MAUSER



Os fuzis de repetição Mauser (1) podiam ser carregados com cinco cartuchos (2), o que possibilitava aos bôeres disparar mais rapidamente do que os britânicos, que portavam fuzis Lee-Metford e Lee-Enfield, nos quais era colocado um cartucho por vez. Em ambos os armamentos, os estojos dos cartuchos eram metálicos, sendo ejetados após o disparo.

Os cartuchos e granadas dos armamentos bôeres, de origem alemã, utilizavam a “pólvora sem fumaça”, em substituição à “pólvora negra” (ainda utilizada na munição dos fuzis Lee-Metford). A primeira apresentava três vantagens: não formava fumaça quando a arma era disparada, não denunciando a posição do atirador ou da peça de artilharia; tinha um maior poder de propulsão, possibilitando um alcance maior às armas (o projétil do fuzil Mauser podia chegar a quatro mil metros); e deixava menos resíduos no armamento após o disparo, o que diminuía muito os emperamentos.

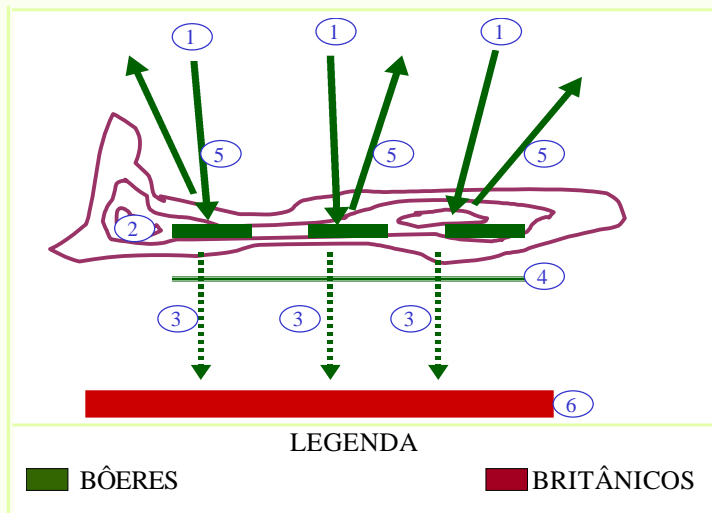
BÔERES



CANADENSES A SERVIÇO DA GRÃ-BRETANHA



FORMA USUAL DE COMBATE DOS BÉLIGERANTES



Os “comandos” bôeres eram grupos de combatentes montados, que tinham efetivos variados. Seguindo um plano geral, procedentes de diferentes locais (1), reuniam-se preferencialmente nas alturas de elevações (2), de onde, cobertos e abrigados, fustigavam (3) com fuzis de longo alcance o inimigo que se deslocava em campo aberto. Outras vezes se posicionavam em trincheiras (4) no sopé de elevações, surpreendendo o adversário com fogos rasantes. Se o combate lhes desfavorecesse, retraíam, tão rapidamente como chegaram (5).

Os ingleses inicialmente marchavam de encontro ao inimigo em formações cerradas (6), sendo facilmente alvejados pelos bôeres. Depois de seguidas derrotas, passaram a adotar métodos de combate semelhantes aos dos bôeres.

“COMANDO” BÔER



A GUERRA DOS BÔERES

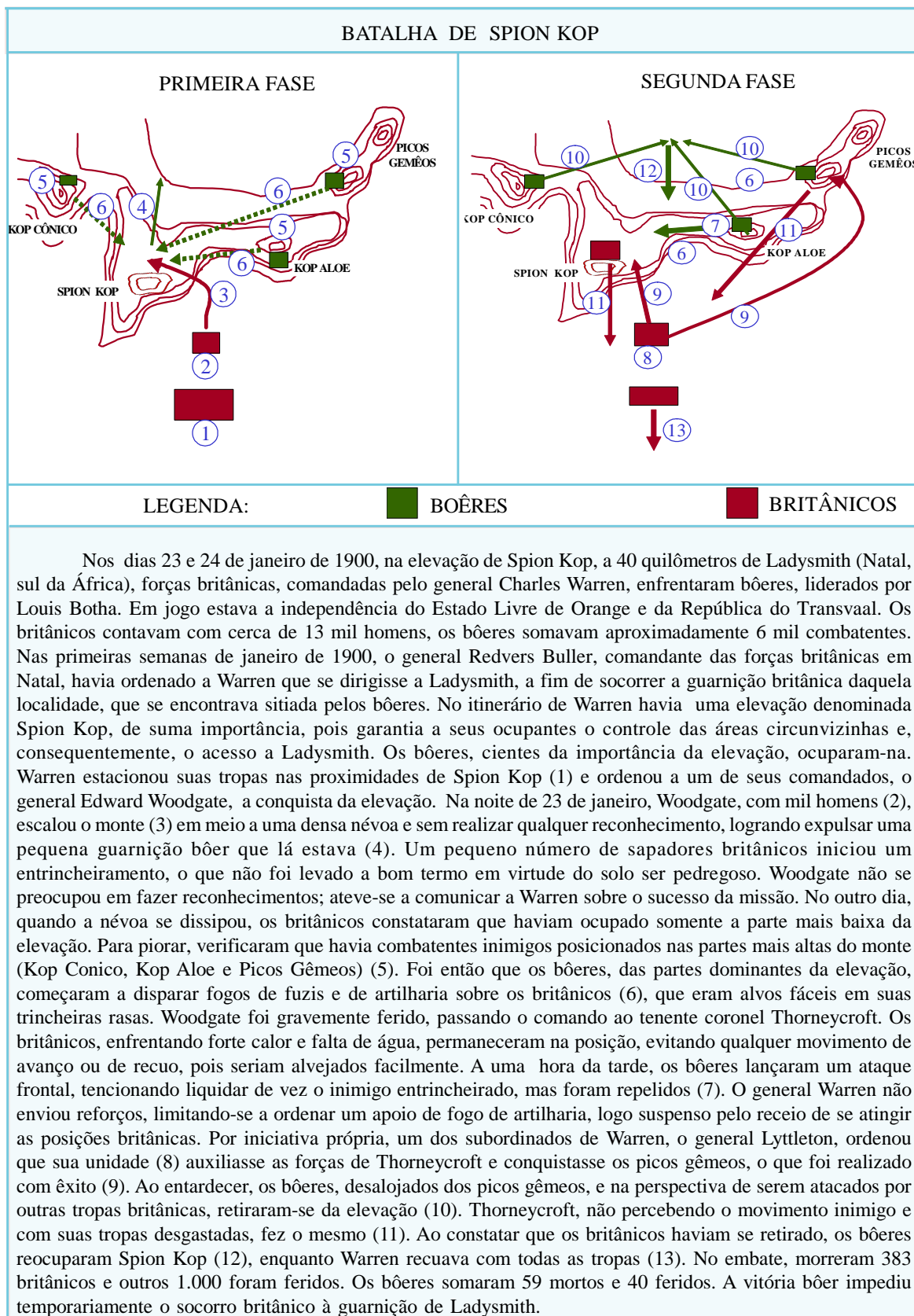


Em fevereiro de 1900, após outra derrota britânica, agora em Spion Kop (23 e 24 de janeiro), reforços substanciais britânicos, comandados pelo marechal-de-campo Frederick Roberts, chegaram ao sul da África, juntamente com farto material militar (ao longo da guerra, o governo britânico destacou aproximadamente 500 mil soldados para enfrentar cerca de 80 mil bôeres).

O marechal inglês, após analisar a natureza dos combates que ocorreram, concluiu que só chegaria à vitória se os seus comandados lutassem da mesma forma que os bôeres. Tendo em vista a principal vantagem do inimigo ser a mobilidade, ele decidiu aumentar a proporção de cavalaria em suas forças e fazer uso intenso de tropas montadas canadenses e australianas.

Com suas tropas adaptadas aos novos processos de combate, Roberts lançou vigorosa ofensiva, derrotando os bôeres na Batalha de Paardeberg (18 de fevereiro de 1900). Em seguida abriu caminho por território inimigo, apoderando-se de Bloemfontein, capital do Estado Livre de Orange (13 de março de 1900).

Após estacionar por algum tempo para reorganizar suas tropas, Roberts começou seu avanço. Penetrou fundo em território bôer e capturou as importantes cidades de Joanesburgo, capital do Transvaal (31 de maio de 1900), e Pretória (05 de junho de 1900). Paralelamente à ofensiva principal de Roberts, os britânicos levantaram os cercos à Ladysmith, Mafeking e Kimberley.



A guerra parecia encerrada, mas muitos bôeres não se renderam, continuando a luta por meio de guerrilha. Os fazendeiros sul-africanos, em rápidas incursões, passaram a atacar postos avançados britânicos, a emboscar colunas de tropa inimigas e a destruir trechos de estradas de ferro, entre outras ações.

Contra a guerrilha adversária, os britânicos reagiram de três formas: empregaram colunas ligeiras de cavalaria e infantaria montada para perseguir os guerrilheiros; construíram uma rede de pequenos fortes ligados por arame farpado restringindo a liberdade de movimento do adversário; e passaram a destruir fazendas bôeres, levando os familiares destes para campos de concentração, onde doenças e maus tratos causaram a morte de cerca de 20 mil mulheres e crianças.

Após quinze meses, sensibilizados pelas péssimas condições a que estavam submetidos seus familiares e carentes de apoio e de liberdade de movimento, os bôeres, agora com o ânimo arrefecido, começaram a se render.

A guerra terminou oficialmente em maio de 1902, quando foi assinado, em Vereeniging, um tratado de paz. Por este acordo, as repúblicas bôeres foram incorporadas ao Império Britânico. Em 1907, porém, elas receberam autonomia política.

Na Guerra dos Bôeres ficou evidenciada a importância do valor moral da tropa, do conhecimento do terreno, do emprego de bons atiradores, do uso das ações tipo “comandos” e das táticas de guerrilha, fatores que possibilitaram aos bôeres diversos êxitos. Também mostraram-se fundamentais o profissionalismo, a logística e, até mesmo, as controversas políticas da “terra arrasada” e dos campos de concentração, elementos que possibilitaram a vitória final britânica.

Enquanto a guerra se findava no sul da África, na Ásia, interesses colonialistas estavam levando russos e japoneses a uma nova guerra.